

## DE GOIÁS 21.2.51

Goiânia, fevereiro — Nessa linha do Brasil Central continua o Correlô Aéreo Nacional sua velha missão pioneira; dentro desse DC-3 que tem o número 2061 (mas os pilotos apenas dizem, em família, "o 61") os maiores Flávio Castro e Faber Cintra estão tendo sua primeira e útil aula de geografia sobre o Vale do Araguaia, e estão levando do Rio coisas para os homens que avançam na selva dos chavantes. É a Fundação Brasil Central que enche de mercadorias o aparelho em que viajamos. Depois do almoço na excelente base aérea de Belo Horizonte rumamos para o Triângulo. Lá em baixo, Minas está bela e úmida, com os seus rios barrentos. Em Uberlândia o aparelho tem de dar uma volta suplementar ao campo, esperando que quatro belos bois brancos saiam da pista — e isto menos me parece desculpado que propaganda. Mais uma hora sobre os chapadões do planalto, e vamos entardecer em Goiânia. Eles continuam, mas eu fico aqui, deixando Xavantina e o Cachimbo para tempo de menos chuva.

Não foi com a mão apenas de urbanista avisado e judicioso, mas também de artista que Atilio Correia Lima desenhou a capital de Goiás. Não sei se esse engenheiro, que morreu tão moço, escreveu algum livro, plantou alguma árvore, fez algum filho. Seu destino foi mais belo; ele sonhou uma cidade. Ela aqui, aos 15 anos de idade. Foi em 1935 que se fizeram os primeiros trabalhos, foi em 42 que a capital se transferiu de Goiás Velha. Em 10 anos sua população passou de 15 mil para mais de 41 500 habitantes, um aumento de 178 por cento. O dr. Altamiro Moura Pacheco, médico e fazendeiro, que perdeu para o sr. Pedro Ludovico nas últimas eleições, é um homem que recorda números com uma extraordinária precisão. Quando se trata dos lotes da cidade ele tem motivos para isso, pois ele mesmo foi dos que primeiro acreditaram em Goiânia e vendeu suas propriedades em outros municípios para comprar terra aqui. Os lotes residenciais menores, de 12 por 30, vendidos a 360 cruzeiros, a prestação estão valendo hoje, à vista 80 contos, em média. Os lotes da zona comercial, vendidos por 2 a 6 contos, em prestações, valem hoje, conforme a localização e o tamanho, de 200 a 1 000 contos. Ali perto — me diz o dr. Altamiro — há um lote que custou 5 contos ao dono; ofereci-lhe, a semana passada, 800 contos, e ele não aceitou.

Essa conversa me deprime; me dá a impressão de que cheguei um pouco tarde a Goiás, mas um amigo me adverte de que em 1961 pode muito bem acontecer que eu suspire dizendo — mas porque não vim para aqui em 1951! Consolo-me pensando que nem eu tinha em 1935 nem tenho agora nenhum capital a aplicar, a não ser estes cansados dedos que batem a máquina. Poupe-mo-los, deixando mais assunto para amanhã.

R. B.

21.2.51